

Nota biográfica de Leonel Cosme

O escritor e jornalista Leonel Cosme faleceu neste dia 14 de janeiro de 2021, com 86 anos de idade, no Porto. Era casado com Gina Cosme, docente aposentada, e pai da Prof.^a Doutora Ariana Cosme (da Universidade do Porto) e de Vânia Cosme, também ex-jornalista e autora da peça de teatro *O armazém*, todas naturais de Angola.

Nasceu em 1934, em Guimarães, e viveu em Angola (no Lubango, Huíla) entre 1950 e 1975, tendo abandonado o sul do país nascente com a família e alguns amigos quando as tropas coligadas da África do Sul, UNITA, FNLA e ELP invadiram o território em direção à capital.

Português, considerava Angola a sua “terra da promessa”. A maior parte dos seus escritos (literatura, ensaio, crónica, jornalismo) têm como fulcro a interrogação sobre a história, a cultura e a identidade de Angola e Portugal, sem perder de vista o Brasil e, em geral, o espaço da lusofonia.

Foi chefe de Redação da RDP/Norte, nas décadas de 70/80, de onde se demitiu por divergências de linha editorial, voltando a Angola, durante um quinquénio (1982-87), para trabalhar numa empresa, regressando ao Grande Porto (Gondomar), onde se retirou para cuidar de um terreno, tendo, a partir daí, desenvolvido larga atividade de investigação, escrita, intervenção e divulgação.

No Lubango (antiga Sá da Bandeira), trabalhou nos serviços culturais da Câmara, no Rádio Clube da Huíla, fundou o Cineclube, o Círculo de artes plásticas, pugnou pela fundação da Universidade, numa atividade constante, contribuindo para formar jornalistas, artistas e intelectuais. Nos anos 90, ajudou a fazer o jornal *África* (Lisboa), viajando semanalmente do Porto para Lisboa. Atualmente, colaborava no *Jornal de Angola*, no *Novo Jornal* (Luanda), no quinzenário portuense *As Artes Entre as Letras* e na revista de educação *A Página* (Porto), entre outras publicações, sempre com o intuito de esclarecer, honrar a memória e debater.

Com o escritor neorrealista português Garibaldi de Andrade, “professor de meninos” na Huíla, criou as edições Imbondeiro (1960-65), empreendimento muito importante como afirmação de uma espécie de lusofonia *avant la lettre*, hoje pouco recordado, publicando cerca de 80 volumes de bolso, algumas antologias, livros infanto-juvenis e um boletim informativo que incluía artigos, além de uma papelaria-livraria. As publicações funcionavam por assinatura, com uma tiragem de 1500 a 3000 exemplares distribuídos por África, Europa, Ásia e Brasil. Ali publicaram desde os brasileiros Lígia Fagundes Teles, Walmir Ayala ou Jorge Medauar, até aos angolanos José Luandino Vieira, António Jacinto ou Uanhenga Xitu, cabo-verdianos como Gabriel Mariano, moçambicanos, portugueses, etc. Nas antologias, entre outros, saíram Maiakovsky, Brecht, Pessoa, Ungaretti, Neruda, Alberti, Eliot, Neto.

Participou em colóquios, mesas-redondas, publicações coletivas, escrevendo verbetes para o Dicionário de Literatura da VERBO, visitou o Brasil duas vezes com apoio da Fundação Gulbenkian, daí resultando dois livros de ensaios, publicou livros em várias editoras e colaborou em jornais e revistas notadamente de Portugal, Angola e Brasil.

Autor de *Um homem na rua* (1958, novela), *A dúvida* (1961, novela), *Quando a tormenta passar* (1959, contos), *Graciano* (1960, conto), *Ecce homo* (1973, poesia) e de uma pentalogia romanesca: *A revolta* (1963;1983), *A terra da promessa* (1988), *A hora final. A revolta III* (1992), *A separação das águas. Angola 1975-76* (2007) e *O chão das raízes* (2009).

Como ensaísta, publicou, entre outros, *A expansão ultramarina portuguesa no contexto do colonialismo europeu* (1974), *Cultura e revolução em Angola* (1979), *Reencontro com Portugal no Brasil* (2000), *Crioulos e brasileiros de Angola* (2001), *Agostinho Neto e o seu tempo* (2005), *Muitas são as Áfricas* (2006) e *Os portugueses. Portugal a descoberto* (2007).

O seu romance *A separação das águas* e os seus estudos sobre a colonização do Sul de Angola e a pré-independência na Huíla, a *não-crioulidade angolana* ou a vida e obra de Agostinho Neto, constituem peças incontornáveis para o conhecimento desses assuntos. O pequeno livro sobre os portugueses ombreia com obras de outros autores que pensam o Portugal de antanho e contemporâneo.

Encontra-se pronto para o prelo o livro *Homo sum. Tempo de partir e chegar* (poemas, escritos em 1975, a editar pela UNICEPE, Porto), em que o último texto é o seu epitáfio, pleno de humor, o que não era propriamente o seu ponto forte, sobretudo para alguém que viveu com intensidade e angústia os sofrimentos da humanidade: “Quando eu morrer/ quero apenas sobre a campa/ uma lápide ou tampa com o meu nome/ pois ele diz o que eu valer (...) Só não fiz mais/ por não ter tempo”.

Pires Laranjeira
(CLP-FCT/Fac. de Letras da UC)